

## Não adianta malhar os partidos

Os partidos com que contamos são estes mesmos que estão por aí. Não adianta andar comparando-os com os da Europa e Estados Unidos. Trata-se de melhorá-los, talvez até salvá-los, no marmoto de mediocridade e oportunismo delineando-se no horizonte. Que não será perdoado, mais cedo ou mais tarde, pelos eleitores em sucessivas decepções.

Quando diminuírem as paixões, os pesquisadores verão o que foi o trabalho inovador da Fundação Milton Campos, em certa fase, com seus simpósios e revistas. E pertenciam ao partido governista, a então Arena, tida por imobilista. Mas a fundação do MDB, o Instituto Pedroso Horta, não saiu das boas intenções, apesar das outras vantagens, as do ardor oposicionista.

Eis que agora promete surgir a Fundação Juscelino Kubitschek, do Partido Popular, sob a direção do deputado paulista Caio Pompeu Toledo. Que ele tenha êxito, sua causa é mais que dele sozinho, pertence às esperanças de aparecerem, finalmente um dia, centros de preparação de quadros partidários democráticos. O que significa uma etapa muito alta, precisando ser precedida por outras mais modestas, de incentivo às vocações e ao despertar da opinião pública através de promoções diversificadas.

Não adianta malhar os partidos atuais, é pior. Se eles entrarem em precoce crise, nada há, no momento, para substituí-los.

Dai resvalar prematuramente em escândalo esta onda de adesismo ao PMDB, por antigos e ferrenhos adversários, no Pará, com o grupo de Alacid Nunes, revolucionário histórico de 1964, em Goiás, através doutro círculo não menos comprometido com o passado recente, o grupo de Irapuã Costa Júnior, e, agora, para culminar, com Jânio Quadros e sua **entourage**, em São Paulo, sem comentários.

Parece que os apressados candidatos já se consideram no poder, eleitos pela sigla mágica. Quando se sabe que, na política, o "já ganhou" é uma das atitudes mais contraproducentes. Parecendo ser feita pelos próprios adversários...

Não se trata de propor nenhum suposto purismo ao PMDB, que não existe em política, segundo Maquiavel o demonstrou e desde antes se praticava. Purismo que poderia ser equivocado com revanchismo, um dos males a evitar na consolidação da abertura que todos desejam.

A questão é outra.

Se os atuais partidos têm um discurso fluido, quase análogo entre si, pelo menos seus líderes deveriam identificar cada faixa política. Inclusive porque merecem recompensas por suas fidelidades.

Mas se setores do PDS e PP começam querendo confundir-se com as esquerdas e estas se deixam infiltrar por conservadores, a acusação de oportunismo acaba tornando-se merecida por todos.

Não se venha alegar que nos Estados Unidos e na própria Europa os partidos convergem para o centro e aí terminam mais ou menos se identificando. Isso é o resultado de um processo histórico, no qual não se dá salto. Também na política não se queimam etapas.

O Governo tem prestado serviços, que devem ser reconhecidos nem que seja por uma parcela do eleitorado. Julgamento que ficará difícil, senão impossível, se alguns dos seus principais líderes desandarem-se em contraditórios pronunciamentos pseudo-oportunistas, querendo transferir a responsabilidade dos desgastes aos militares e principalmente aos tecnocratas. Engana-se quem pensa que a chamada maioria silenciosa gosta disso. Muito pelo contrário, a referida atitude decepciona e encaminha os potenciais eleitores noutras direções.

Agora se imaginem as Oposições poupando o Governo e acusando-se entre si... Será uma pandemônio eleitoral, desmoralizante de todos os partidos, para proveito da desestabilização, que acabará vindo, mais cedo ou mais tarde. Para desespero final dos próprios atores da tragicomédia... Que serão os maiores prejudicados.

Já bastam dois partidos reclamando o espólio de Vargas, muito menor do que eles pensam, quando deviam estar projetando o futuro.

Já bastam as alas internas do PT, querendo competir em radicalismo numa experiência que poderá ter, doutras maneiras, melhores sucessos.

Nem passionalismo nem oportunismo, deveria ser o lema comum pelo menos dos líderes partidários. Sob pena de não sobreviverem a mais de duas eleições em seqüência. E com eles a frágil estrutura que muitos não estão sabendo montar condignamente.

Claro que não se vai esperar grande coisa deles a curto prazo. Não tem qualquer sentido a frase "A Revolução não soube preparar líderes". Ela nunca teve qualquer interesse nisto. Parecia-lhe suficiente o binômio segurança-desenvolvimento, personificado pelos militares e tecnocratas. Só agora se vem propondo um terceiro elemento, a participação, que só pode ver-se protagonizada pelos políticos. E os que temos são estes mesmos aí. Apedrejá-los é uma operação bumerangue: sem eles, voltaremos rapidamente ao autoritarismo.

A não ser que eles se autodestruam, pelo menos na faixa geracional acima dos cinquenta anos, que não resistirá a muitos empurrões das exigências dos eleitores, nos próximos quatro ou oito anos.

A deformação autoritária tradicional das classes alta e média já é suficientemente corrosiva no seu derrotismo antidemocrático. E as classes inferiores nem sequer tiveram ainda a chance de descobrir o que seja democracia. Tudo somado, leva a grandes apreensões sobre o destino dos velhos políticos convencionais.

A vassoura não é propriedade de nenhum deles e sim do eleitorado, que terminará usando-a em uma ou duas eleições.